

Quem manja dos paranauês? A capoeira, suas narrativas e gestualidades nas aulas de Educação Física do 7º Ano.

Ronaldo dos Reis
Escola de Aplicação da FEUSP

Resumo

O trabalho foi realizado no ano de 2016, na Escola de Aplicação FEUSP com as turmas de 7º ano do ensino fundamental. Tematizamos a partir dos pressupostos do currículo cultural, em diálogo com os princípios da escola (respeito, diálogo e solidariedade), a capoeira. A partir das vivências e atividades didáticas propostas decorrentes do mapeamento dos conhecimentos da turma em relação a prática corporal, possibilitou-se problematizar as narrativas sobre a origem e expansão da capoeira pelo Brasil e pelo mundo, além das suas diferentes gestualidades nas capoeiras encontradas, onde os 7º anos da Escola de Aplicação FEUSP demonstraram que “manjam dos paranauês”.

Este relato de experiência trata de um trimestre letivo desenvolvido na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (EAFEUSP), em 2016 com as turmas do 7º ano do ensino fundamental. Na EAFEUSP, segundo o projeto pedagógico, às aulas de educação física, são desenvolvidas a partir das manifestações da cultura corporal (Danças, Ginásticas, Jogos e Lutas) distribuídas pelos 03 trimestres de cada ano, o que no Ensino Médio passa a ser elemento de escolha para os estudantes.

No 7º ano, a opção pelo estudo da prática corporal Capoeira se deu após o mapeamento das práticas corporais de lutas realizadas com as turmas em seu percurso escolar. A partir do relato de alguns estudantes, foi possível constatar que no Ensino Fundamental I, a capoeira chegou a ser abordada pela professora na época, porém com um viés voltado apenas para a prática de sua gestualidade, situando os conteúdos estudados como dança. Também foi considerada a adesão da turma para a produção coletiva, já que no trabalho com jogos no trimestre anterior houve uma ampla resignificação das práticas de jogos e brincadeiras, outro fator relevante e que despertou um maior interesse dos estudantes, foi à experiência do professor com a capoeira em espaços externo ao espaço escolar.

Como se tratava do primeiro ano de trabalho com a turma após dois trimestres, onde os estudantes tiveram a possibilidade de apresentar suas produções para os colegas, onde o diálogo se fez presente em todas as ações, ao conversarmos sobre a possibilidade de estudar a capoeira, a curiosidade dos estudantes se fortaleceu a partir da parceria estabelecida com o professor anteriormente. Na fala de um dos estudantes: “Também vamos fazer apresentações com os grupos com a capoeira? Vamos poder inventar uma capoeira? Vamos jogar capoeira?”.

Iniciamos a temática da capoeira perguntando sobre os conhecimentos dos estudantes, que mencionaram exercícios, demonstraram golpes, falaram sobre parecer dança, demonstraram a ginga, falaram sobre acontecer em roda e ter músicas, que tinha o berimbau, o pandeiro e os tambores, entre alguns fatos históricos que segundo eles ouviram em anos anteriores.

Considerando o mapeamento inicial, levantei a questão: “A capoeira é dança? Se é dança por que existem golpes e não passos?”. Após alguns diálogos iniciais ainda sobre a proposta, disponibilizei os instrumentos para que os estudantes iniciassem as primeiras vivências (berimbaus, atabaque, pandeiro e agogô). Assim os estudantes apresentaram diferentes gestualidades que identificavam como pertinentes a capoeira.

Nas aulas seguintes os estudantes acrescentavam movimentos que identificavam como gestualidades próprias da capoeira. Aproveitando o momento, perguntei aos estudantes sobre outros conhecimentos de capoeira para além da gestualidade. Questionando os motivos que ainda hoje tem brasileiros que confundem a capoeira com outras manifestações culturais, mesmo depois de seu reconhecimento como patrimônio da humanidade. Parte do grupo durante as vivências tentavam tocar os instrumentos e investiam em gestualidades em duplas a partir da ginga e dos golpes, “de quebra”, ainda arriscavam uns cantos, dentre eles “Paranauê¹”, o que ainda servia como adjetivo para os estudantes que realizavam movimentos com um grau de dificuldade elevado em relação ao grupo, dizendo: “Olha, Fulano manja dos paranauê”².

¹ Paranauê é uma corruptela da música Paranaê, do mestre Genaro, música feita para homenagear o amigo mestre Paraná, que deixou o Rio de Janeiro e retornou para a Bahia sem avisar o amigo, por ser um exímio tocador de berimbau, o mestre Genaro sentiu a falta do amigo e cantou, “Paranaê, Paranaê, Paraná”. Com o passar dos anos grande parte dos capoeiristas passaram a cantar Paranauê, uma das cantigas mais entoadas nas rodas pelo mundo.

² Manjar dos paranauês é um termo utilizado vindo das redes sociais proporcionada por um meme de um rapaz fazendo um movimento de capoeira totalmente desengonçado com os dizeres “esse manja dos paranauê”

As primeiras aulas dos 7º ano com capoeira foi caracterizada por tentativas de realização e organização de uma roda. Assim decidimos questionar a origem de algumas narrativas que determinam “verdades” nas práticas corporais e na sociedade, ou seja, os discursos dominantes, algo despertado a partir da fala de um estudante de que afirmava que a capoeira era baiana. Ao ser questionado sobre a certeza dessa afirmação, o estudante não sabia precisar com certeza de onde viria essa afirmação. Ao perguntar “Será que não tem/tinha capoeira em outros lugares?”, os estudantes disseram ficar confusos com essa pergunta, dizendo que sempre ouviram falar que a capoeira era baiana, ou africana, como por exemplo, aprenderam sobre a capoeira de Angola.

Como atividade apresentamos um vídeo onde o mestre Cobra Mansa, um dos maiores representantes da Capoeira Angola apresentava como origem da capoeira a dança da tribo dos Mucope denominada N’golo (dança da Zebra), como os mais antigos acreditavam nessa origem diziam que a capoeira era Angola, afirmando: “A capoeira é angola, chamamos Angola, não de Angola, porque ela é um tipo de capoeira, já que teve um pessoal que teve o mestre Bimba que inventou outra capoeira aqui na Bahia.”

A partir das observações feitas nas primeiras aulas e perceber o interesse dos estudantes sobre o tema, aventou-se a possibilidade de tematizar a Capoeira, tendo dos seguintes objetivos:

- Conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos estudantes a respeito da capoeira;
- Conhecer e vivenciar a gestualidade, a musicalidade e os fundamentos da capoeira;
- Analisar as narrativas e seus diferentes fazeres para elaborar novas possibilidades de produção de seus fundamentos;

Na atividade em seguida trouxe algumas revistas, Dvds e uniformes de capoeira para que os estudantes conhecessem esse material, o que hoje apresentei aos estudantes permanecer a partir da rede mundial de computadores e sobretudo nas redes sociais. Sugeri aos estudantes que verificassem nas redes sociais o que encontravam sobre a prática da capoeira em relação a realização de rodas. Nas aulas seguintes os estudantes começaram a trazer movimentos que indicavam ter encontrado na internet, como tesouras e algumas quedas.

Ao perguntar sobre qual capoeira se tratava os estudantes disseram que algumas pareciam brigas de rua, o que fez com que os estudantes perguntassem qual capoeira eu praticava. Sem responder sugeri que os estudantes elaborassem sua roda de capoeira, o que ocorreu da maneira que acreditavam ser mais adequada e provavelmente com influencia do que já tinham assistido nos vídeos.

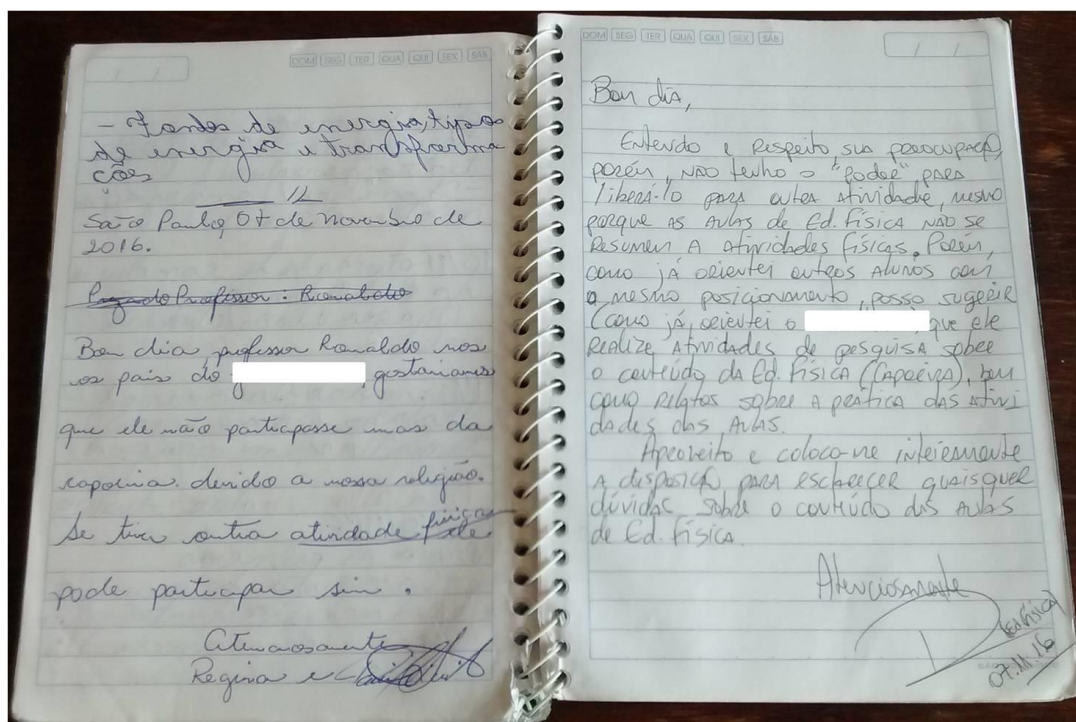
Sugeri aos estudantes que definissem o que gostariam de fazer na roda, desde a gestualidade até a musicalidade, pois assim conseguiriam organizar melhor sua participação, sendo assim os estudantes começaram a apresentar muitos questionamentos: “Não dá professor, como vamos fazer não sabemos jogar?”, “Tá doido professor, não sabemos tocar”, “Que jeito?”, entre outras falas que demonstravam uma preocupação legítima dos estudantes para produzir a capoeira do 7º ano.

Apresentei aos estudantes que existiam fundamentos que organizavam e de certa maneira serviam de estrutura para qualquer capoeira. Mostrei vídeos de diferentes rodas de capoeira, assim como eles já tinha assistido, porém, chamando a atenção para a execução dos praticantes, a partir das questões: “O que tem em todas as rodas?”, “Como os praticantes estão organizados?”, “Como são as músicas?”, “Quem “manda” na roda?”, “Quais os instrumentos que os capoeiristas usam nas rodas?”. Assim sugeri que fizéssemos um levantamento das percepções.

Ao apresentarem disse para os estudantes que os capoeiristas denominavam o que apresentaram como fundamentos, o que como o nome já dizia servia para sustentar a prática da capoeira. Elencamos assim, 06 fundamentos, sendo eles, o berimbau, a musicalidade, a roda, a ginga, o jogo e a volta ao mundo.

Após a divisão, sugeri que os estudantes produzissem os fundamentos do grupo do 7º ano, haja visto que cada roda apresentada estava balizada por seus grupos, assim como a turma se constituía como um com seus interesses, desconstruindo uma ideia de essência para a capoeira, onde algumas rodas podem ser mais dançadas, outras mais lutadas, algumas as pessoas estavam em pé, outras sentadas, mas que a partir dos fundamentos elaborados se tornava possível afirmar que isso caracterizava a capoeira.

Assim nas aulas que se seguiram nas vivencias os estudantes passaram a elaborar os fundamentos da capoeira, nas aulas que se seguiram tiveram como curiosidade dois bilhetes de pais que devido as suas religiões não permitiam que os filhos participassem das aulas, devido ao tema, como por exemplo, a imagem abaixo com o bilhete dos pais de um dos estudantes e a resposta do professor.



Como de costume nas aulas o professor não questionou a participação ou não dos estudantes, mas sugeriu aos dois que tiveram os bilhetes enviados pelos pais que ele fizesse as pesquisas e vivenciasse do seu jeito as propostas, porém não viessem com um olhar restrito para as aulas, mas que se permitissem conhecer os conteúdos da capoeira nas aulas, mesmo sem realizar a gestualidade, a musicalidade ou algo que se sentissem ofendidos, o mesmo serviria não apenas para esses estudantes, mas sim para todos e todas.

Ao conversar com o estudante, este se mostrou interessado em participar, porém disse que existia uma grande preocupação do pai relacionada à religião da família. O irmão mais velho do estudante em questão era da turma do 3º Ano do ensino médio e o professor já tinha dado aula para a turma dele. Então, ao procurá-lo para uma conversa, este apresentou a situação da não participação por motivos religiosos com a mesma afirmação do irmão, “acho que ele até gostaria de participar, mas meu pai não deixa mesmo, é melhor não arrumar confusão”.

Com a divisão em fundamentos foi sugerido aos estudantes que em cada aula que se seguiria desenvolvêssemos assuntos a partir dos fundamentos, sendo assim, as primeiras aulas foram destinadas a tocar berimbau. Apesar de conhecer e dominar alguns toques utilizados em diferentes situações e jogos na capoeira, deixando que os estudantes desenvolvessem o seu “toque” de berimbau, para assim criar o seu

fundamento a partir do grupo elaborando assim o seus fundamentos. Como nas aulas disponibilizei 03 berimbaus os estudantes decidiram utilizar todos para criarem sua capoeira. Apresentei aos estudantes que nas rodas de Capoeira onde os capoeiristas dominavam a harmonia e afinação dos berimbaus e que existiam variações sobre os toques que determinavam os jogos que eram realizados. Algo bem complexo e que exigia uma parte da dedicação e do treinamento do capoeirista para dominar esse fundamento.

Ao tratar da musicalidade, o mesmo procedimento foi adotado pelos estudantes, mantiveram os 02 pandeiros, 01 atabaque e 01 agogô, montando assim a sua musicalidade, trouxe alguns Cds de capoeira, mostrando aos estudantes que existia um “mercado” de músicas de capoeira e que alguns capoeiristas eram famosos por cantarem, chamados nas rodas como cantadores. Porém os estudantes não colocaram como critério de fundamento na elaboração da sua musicalidade o canto, mas sim os instrumentos. Apresentei falas de diversos mestres sobre a relação da musicalidade e instrumentos e que o conjunto de instrumentos era chamado de bateria, orquestra ou charanga, o que mudava de acordo o segmento ou o entendimento de capoeira de cada grupo. Assim decidiram denominar a do 7º ano como orquestra.

Para a elaboração da roda, os estudantes decidiram manter-se em pé, batendo palmas e organizaram uma sequencia para o jogo, onde cada um dos estudantes ao sair do jogo deveria ir para os instrumentos, assim desenvolveram nas aulas que seguiram uma dinâmica para a roda, fundamentando também o tipo de jogo “vale-tudo”, que permitiam que os estudantes fizessem os movimentos e golpes que quisessem desde que estivessem gingando. Por fim, ao falar sobre a volta ao mundo, apresentei o texto de um amigo capoeirista postado na rede social onde faz uma relação metafórica com a vida devido a problemas que teve em relação à saúde. “A roda de capoeira é o mundo, onde tudo acontece, assim como na vida, na capoeira caímos, mas a volta ao mundo nos dá a possibilidade de voltar pro jogo”.

Ao começar a colocar em prática a roda de capoeira do 7º ano, os estudantes questionaram a origem dos movimentos devido ao nome: queixada, meia lua de frente/compasso, rabo de arraia, armada, aú, entre outros, um deles afirmando que esses nomes provavelmente estariam relacionados com a época da escravidão ou da África. Assim apresentei aos estudantes a fala do professor Carlos Eugenio Líbano Soares, no documentário “Capoeira no fio da navalha”, onde esse apresentava duas origens da capoeira, uma rural, atrelada ao período escravocrata reforçado pelas fugas e luta de

resistência dos escravizados e outra origem urbana em um período pós-abolição onde os ex-escravizados colocaram-se marginalizados por sua condição social. Também apresentamos imagens de capoeira desse e de um período mais a frente, mas que ainda não davam a característica de como conhecemos hoje. Ao comparar com os exemplos visualizados anteriormente em outras atividades colocamos as questões: “Quem introduziu esses movimentos na capoeira?”, “Onde podemos encontrar movimentos parecidos?”, “Tem lutas que usam golpes parecidos?”.

Entramos em consenso ao entender que a capoeira além de ser uma mistura de culturas no passado, provavelmente teria essa mistura com a ginástica, break, circo, o que poderia sugerir que a capoeira atual seria uma capoeira hibridizada, com características ancestrais e atuais produzidas pelos grupos que produzem e reproduzem os seus fundamentos.

Definidos os fundamentos da capoeira do 7º ano registramos algumas imagens em vídeos e assistimos em nossas aulas, para assim fecharmos nossa tematização da capoeira em nossas aulas.

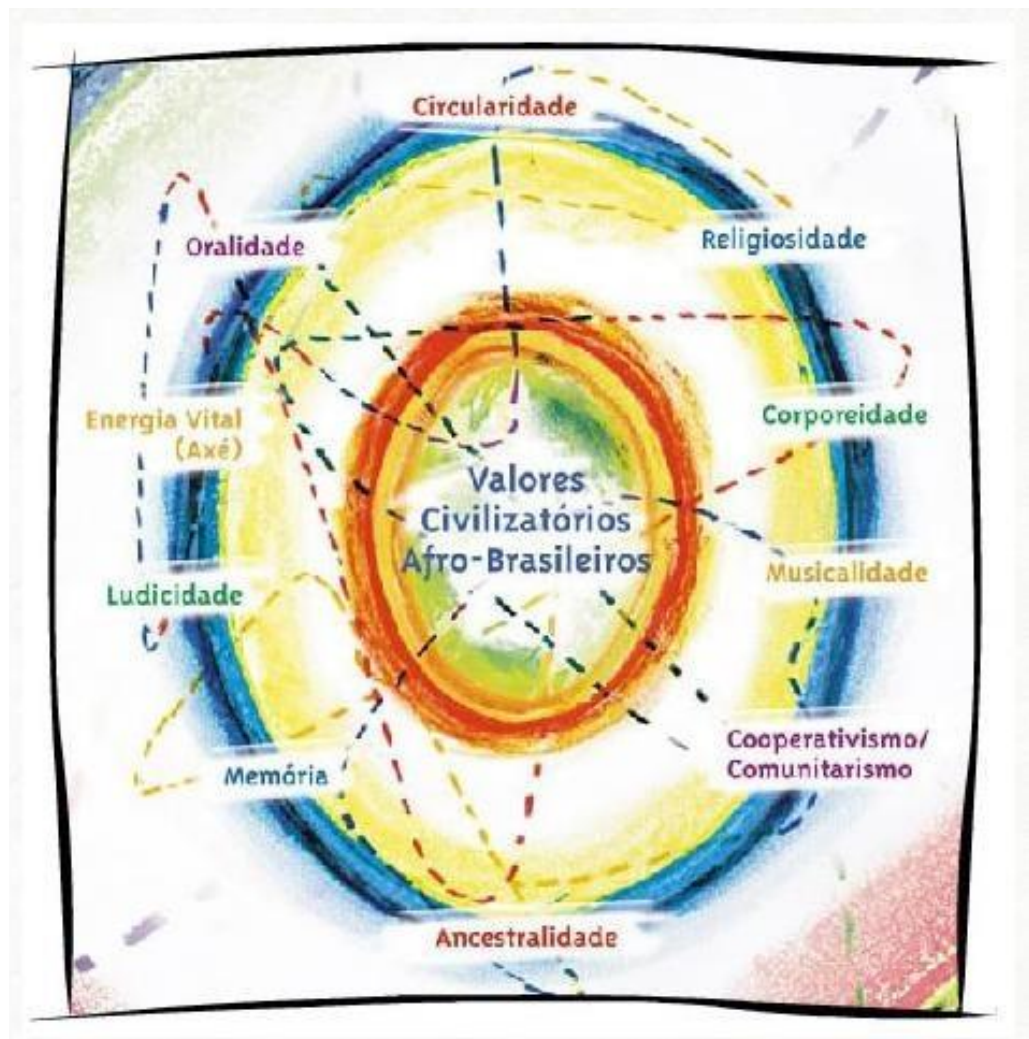




Antes de encerrarmos, com a roda de encerramento, conversamos sobre a alegria dos integrantes e a participação efetiva durante aquele momento. Assim apresentei aos estudantes o termo que significava energia, oriundo do povo yorubá, chamado “Axé³”, bem como o desenho abaixo que exemplifica os valores civilizatórios afro-brasileiros⁴ que fundamentam uma proposta que dialoga com o currículo cultural de Educação Física elaborada para o desenvolvimento da Capoeira nas aulas, de Capoeira ou de Educação Física. Importante frisar que com o axé constituem-se 07 fundamentos presentes em todas as capoeiras.

³ A partir cruzamento de conceitos abordados como fundamentos e os valores civilizatórios afro-brasileiros o professor Ronaldo idealizou uma sistematização denominada pedagogia do axé, onde para a realização, os fundamentos foram transformados em princípios norteadores em cada etapa de ensino, que pode ser aprofundado a partir da obra. Reis, R. Capoeira se aprende na escola: A pedagogia do axé. LP Book: São Paulo, 2017.

⁴ Os valores civilizatórios afro-brasileiros sustentam a pedagogia africana e norteiam os elementos para o ensino de educação sobre as relações étnicas.



Para encerrar nossas aulas sobre o tema de capoeira atendendo a solicitação de muitos estudantes comecei conduzindo a roda e cantando algumas músicas, para em seguida os estudantes conduzissem a sua maneira, elaborada no decorrer do trimestre a roda como desenvolveram nas aulas, com os fundamentos e suas características o que registramos como elemento de avaliação da turma. Onde a participação efetiva dos estudantes fez com que outro significado fosse atribuído a Capoeira do 7º ano, não necessariamente fechada em Angola e Regional⁵.

⁵ A capoeira em muitos espaços é segmentada a partir de duas matrizes, Angola e Regional.



Por fim, acredito ser importante relatar a dificuldade de como praticante de capoeira há mais de 25 anos, selecionar atividades de ensino que contribua efetivamente com a tematização, já que nessa trajetória de capoeirista e como professor de Educação Física, encontramos muitos materiais produzidos com equívocos, por visões romantizadas ou desconhecimentos do cotidiano da prática. A roda elaborada pelos estudantes certamente produziu uma das possíveis formas de se entender a capoeira e avaliar quais foram às aprendizagens dos estudantes, sem essencializar e definir, mas ampliar o que se produz como capoeira, respeitando a ancestralidade presente na manifestação cultural.



Em nossa avaliação não foi necessário nesse momento aprofundar um dos temas que se fez presente, devido a “proibição” por parte dos pais devido a religião de um dos estudantes, o que possivelmente conduziria o trabalho para outras direções, onde a tematização dessa propostas estaria com o enfoque em dois estudantes e não no grupo que não encontrou problemas em ressignificar a prática corporal e produzir a sua própria capoeira a partir de diferentes narrativas presentes na capoeira e nas aulas, sendo assim podemos dizer que na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, os estudantes conheceram, vivenciaram, aprofundaram e sobretudo produziram sua Capoeira mostrando que também manjam dos paranauês!

